

Efeitos adversos do uso indiscriminado de descongestionantes nasais

Adverse effects of the indiscriminate use of nasal decongestionants

Efectos adversos del uso indiscriminado de descongestionantes nasales

DOI:10.34119/bjhrv7n5-186

Submitted: Aug 06th, 2024

Approved: Aug 26th, 2024

Jéssica de Sousa Silva

Graduanda em Farmácia

Instituição: Universidade de Gurupi (UNIRG)

Endereço: Gurupi, Tocantins, Brasil

E-mail: jessicasousa.farma1@gmail.com

Suziane Assis dos Santos Ribeiro

Graduanda em Farmácia

Instituição: Universidade de Gurupi (UNIRG)

Endereço: Gurupi, Tocantins, Brasil

E-mail: suzianeasribeiro@unirg.edu.br

Jéssica Nunes Araújo dos Santos

Especialista em Farmácia Hospitalar

Instituição: Universidade de Gurupi (UNIRG)

Endereço: Gurupi, Tocantins, Brasil

E-mail: jessicanunesaraujodossantos@gmail.com

Byanca Nunes Sampaio

Graduanda em Farmácia

Instituição: Universidade de Gurupi (UNIRG)

Endereço: Gurupi, Tocantins, Brasil

E-mail: byanca.n.sampaio@unirg.edu.br

Hávilla Clycia Oliveira Siqueira Figueira

Graduanda em Farmácia

Instituição: Universidade de Gurupi (UNIRG)

Endereço: Gurupi, Tocantins, Brasil

E-mail: farmaceuticahavillaclycia@gmail.com

RESUMO

Considerando que o acometimento da população por gripe, resfriado ou enfermidades respiratórias é comum em determinados períodos do ano, os indivíduos, por ficarem com o trato respiratório superior obstruído por muco, utilizam descongestionantes nasais para aliviar o bloqueio e restaurar a respiração, uma vez que o medicamento é específico para este fim. Entretanto, o seu uso indiscriminado pode causar efeitos adversos. Objetiva-se, portanto, descrever os riscos do uso inadequado do medicamento vinculado ao “efeito rebote” no organismo, que por sua vez favorece o surgimento de vício, tanto à sensação de alívio rápido que o medicamento causa, quanto às substâncias que o compõem. Para tanto, precede-se a

coleta de dados e a revisão bibliográfica de autores que abordam a temática, com publicações contidas nas bases de dados Google Scholar e Latindex. Desse modo, observa-se que o profissional farmacêutico possui um papel fundamental no combate a tais efeitos adversos, sendo detentor também da incumbência de orientação sobre administração, conservação, suspensão e até mesmo da indicação de tratamentos alternativos que provoquem menos riscos ao organismo.

Palavras-chave: assistência farmacêutica, descongestionantes nasais, efeitos adversos, efeito rebote.

ABSTRACT

Considering that the population is affected by flu, colds, or respiratory illnesses common in certain periods, individuals, as their upper respiratory tract is obstructed by mucus, use nasal decongestants to relieve the blockage and restore breathing, since the medicine is specific for this purpose. However, its indiscriminate use can cause adverse effects. The aim, therefore, is to describe the risks of inappropriate use of the medication linked to the “rebound effect” in the body, which in turn favors the emergence of addiction, both to the sensation of rapid relief that the medication causes, and to the substances that make it up. To this end, data collection and bibliographic review of authors who address the topic are preceded, by publications in the Google Scholar and Latindex, databases. Thus, it is observed that the pharmaceutical professional has a fundamental role in combating such adverse effects, being also responsible for guiding administration, conservation, suspension, and even the indication of alternative treatments that cause less risk to the body.

Keywords: pharmaceutical assistance, nasal decongestants, adverse effects, rebound effect.

RESUMEN

Considerando que la población se ve afectada por gripes, resfriados o enfermedades respiratorias que son comunes en determinados períodos de tiempo, los individuos, al tener sus vías respiratorias superiores obstruidas por mocos, utilizan descongestionantes nasales para aliviar la obstrucción y restablecer la respiración, ya que el medicamento es específico para este propósito. Sin embargo, su uso indiscriminado puede provocar efectos adversos. El objetivo, por tanto, es describir los riesgos del uso inadecuado del medicamento vinculados al “efecto rebote” en el organismo, que a su vez favorece la aparición de adicción, tanto a la sensación de rápido alivio que provoca el medicamento, como a las sustancias que lo componen. Para ello se precede la recolección de datos y revisión bibliográfica de autores que abordan el tema, con publicaciones contenidas en las bases de datos Google Scholar y Latindex. Así, se observa que el profesional farmacéutico tiene un papel fundamental en el combate a tales efectos adversos, siendo también responsable de brindar orientación sobre la administración, conservación, suspensión e incluso la indicación de tratamientos alternativos que causen menor riesgo al organismo.

Palabras clave: asistencia farmacéutica, descongestionantes nasales, efectos adversos, efecto rebote.

1 INTRODUÇÃO

Os descongestionantes nasais fazem parte da gama de medicamentos mais vendidos no Brasil por trazerem um rápido alívio dos sintomas. Bucis (2023), em sua pesquisa realizada entre janeiro e julho do referido ano, aponta que os esses medicamentos estão entre os cinco mais comercializados no país, destacando-se algumas marcas como Naridrin, Sorinan e Neosoro.

O tecido interno das narinas fica inflamado e ocasiona a produção excessiva de muco e o bloqueio da passagem do ar. Quando o muco se acumula nas narinas e impede o fluxo de ar, gera-se a sensação de nariz entupido, podendo escorrer e até mesmo interferir no olfato e na fala. (OLIVEIRA; BATISTA, 2019).

Sales (2021) relata que a inflamação pode ser causada por diversos fatores, dentre eles: alergias, contato com substâncias diversas como odores químicos fortes, perfumes, fumaça de cigarro, poluição do ar e baixa umidade do ar. Além de fatores externos, ainda podem ser destacadas questões físicas e anatômicas, como desvio de septo nasal.

O tratamento para congestão nasal começa, geralmente, com a avaliação médica que envolve análise do estado físico, bem como a duração e frequência dos sintomas, e a condição médica pregressa do paciente. (GOMES, et. al, 2023).

Lima et. al (2021) ressalta que, ao lidar com a congestão nasal, pode ser necessário identificar a denominada “causa raiz” através de testes que monitoram as funções pulmonares, assim como identificação de condições alérgicas, e, em alguns casos, a solicitação de tomografias computadorizadas.

Identificada a “causa raiz”, há a prescrição do tratamento adequado para cada situação. Para o resfriado comum, é necessário medidas simples como a hidratação nasal com soro fisiológico. Outra ação simples e caseira para o tratamento é o uso de umidificadores para aumentar a umidade do ar. Não obstante, o uso de descongestionantes nasais é a alternativa mais utilizada para o tratamento (OLIVEIRA; BATISTA, 2019).

Martins et. al (2022) indica que, ao utilizar os descongestionantes nasais, as gotículas do medicamento são instaladas na narina, o que leva à vasoconstrição dos vasos sanguíneos da região, que cria um espaço para o fluxo de ar e produz alívio em poucos minutos. Os componentes que causam essa reação são: oximetazolina, xilometazolina, nafazolina e fenilefrina.

Desse modo, a implementação de ações que mitiguem os problemas associados à automedicação é imprescindível. Uma das ações possíveis é o envolvimento dos profissionais

farmacêuticos através de auxílio e de orientações durante o processo de administração do medicamento, dispensando-o em casos onde não sejam necessários, promovendo uso racional quando preciso e produzindo um cenário positivo para a farmacoterapia, uma vez que o uso de descongestionantes nasais sem critério pode resultar em inúmeras complicações à saúde. Logo, objetivo da pesquisa é descrever os riscos causados pelo uso indiscriminado deste fármaco.

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão de literatura pautada em artigos e periódicos disponíveis nas bases de dados Scielo, Google Scholar e Latindex. A seleção dos títulos respeitou o lapso temporal de 5 anos, entre 2018 e 2023. Foram utilizados para a pesquisa os descritores: “congestão nasal”, “descongestionantes nasais”, “uso excessivo” e “efeitos colaterais” e “efeito rebote”. Aqueles selecionados foram traduzidos para Português. O critério de exclusão das obras limitou-se à identificação de materiais duplicados, títulos pagos e que não possuíam vínculo ou relevância para a temática proposta. O estudo não apresenta eventuais riscos, uma vez que não possui abordagem ou entrevista com pessoas físicas e suas referidas identificações, não necessitando de autorização por parte do conselho de ética da universidade, conforme a resolução CNS 466/2012, que dispensa tal aprovação em caso de revisões de literatura.

3 PROBLEMÁTICA

O uso inadequado de descongestionantes nasais tornou-se uma grande fonte de problemas no Brasil, pois o uso continuado do fármaco sem acompanhamento e prescrição médica pode gerar reações adversas ao organismo, uma vez que as substâncias ativas mais utilizadas na composição do medicamento (oximetazolina, a xilometazolina, a nafazolina ou a fenilefrina) podem causar efeito rebote no corpo, que é a ação em que o organismo busca retornar ao estado anterior ao uso da medicação, o que pode acabar agravando o problema inicial. Desta maneira, o estudo tem as seguintes questões norteadoras:

- Quais são os impactos do uso excessivo de descongestionantes nasais na saúde dos indivíduos?
- O uso do referido fármaco pode ocasionar algum vício ou distúrbio?
- Qual o papel dos profissionais no combate à automedicação e uso indiscriminado do fármaco?

4 HIPÓTESES

- H.1 Os medicamentos classificados como descongestionantes nasais são projetados especificamente para fornecer alívio temporário dos sintomas de congestão nasal que podem surgir de uma variedade de condições, como resfriados, gripe, sinusite ou rinite. Os sintomas para as condições citadas são semelhantes e considerados comuns, o que abre margem para a automedicação.
- H.2 O uso excessivo de descongestionante nasal pode prejudicar a membrana da mucosa, o que pode agravar a situação inicial, afetando, inclusive, funções cardiovasculares e ocasionando efeitos que podem incluir taquicardia, angina e rinite medicamentosa.
- H.3 O rápido alívio do nariz entupido, em conjunto com o efeito “rebote” no organismo pode levar ao vício.

5 JUSTIFICATIVA

Considerando as condições climáticas do país que ocasionam, ao menos uma vez ao ano, um cenário propício à congestão nasal por meio da contração de gripes e resfriados, bem como a piora de inflamações como rinite e sinusite, e ressaltando ainda que a automedicação é extremamente praticada no país, o desenvolvimento do estudo torna-se fundamental para informar a sociedade sobre os riscos do uso indiscriminado dos medicamentos pertencentes à classe dos descongestionantes nasais, os quais não devem ser utilizados sem prescrição e orientação de profissionais. Para a comunidade acadêmica, o tema traz uma abordagem sobre a importância da assistência farmacêutica para orientar o uso racional de medicamentos. Para o meio científico, a pesquisa servirá de embasamento para o desenvolvimento de novas teorias acerca do tema.

6 OBJETIVOS

6.1 OBJETIVO PRIMÁRIO

- Descrever os efeitos adversos do uso indiscriminado de descongestionantes nasais.

6.2 OBJETIVOS SECUNDÁRIOS

- Apresentar quais são as causas relacionadas à congestão nasal.
- Informar os efeitos terapêuticos e colaterais dos medicamentos utilizados para aliviar as congestões nasais.
- Explicar o vínculo entre o efeito “rebote” no organismo e o vício acerca do descongestionante.

7 REFERENCIAL TEÓRICO

7.1 CONGESTÃO NASAL: CONCEITO

Borges, Carvalho e Magalhães (2019) descrevem que a sensação de obstrução nasal, popularmente denominada de “nariz entupido” é um sintoma presente em uma variedade de doenças ou condições respiratórias. A obstrução não é uma doença em si, mas sim um indicador de uma condição subjacente, como no caso da sinusite e/ou rinite. Gomes et. al (2023) aponta que muitas vezes as pessoas confundem erroneamente a congestão nasal com a produção excessiva de muco, principalmente pelo fato de o nariz escorrer, mas não é verdade. O real motivo da congestão é a inflamação da mucosa nasal, sendo o muco um fator secundário.

Compartilhando a mesma afirmação, Gasparetto (2019) destaca que o verdadeiro culpado do bloqueio das passagens de ar na cavidade nasal é o edema, que é causado pela inflamação e ingurgitamento dos vasos sanguíneos na área, o que leva ao inchaço das membranas mucosas.

Lima (2021) em suas palavras reforça que o ato de respirar é automático e subconsciente, contudo, em casos de obstrução, o processo de respirar torna-se desafiador e consideravelmente desconfortável, uma vez que a pessoa passa a controlar a respiração conscientemente.

Gomes et. al (2023) informa ainda que em casos de infecção por vírus respiratórios, a obstrução das mucosas nasais atua como mecanismo de defesa do organismo, limitando o fluxo de ar e reduzindo a proliferação de estímulos nocivos pelas vias aéreas.

Nesse mesmo processo, há aumento do fornecimento de sangue e dilatação dos vasos sanguíneos da região, favorecendo a distribuição de anticorpos e células imunológicas para

combater a infecção, ao passo que a produção de muco aumentada (coriza) atua também como mecanismo de defesa “lavando” e hidratando a região nasal. (GASPARETTO, 2019).

7.2 CAUSAS COMUNS PARA CONGESTÃO E SEUS RESPECTIVOS TRATAMENTOS

Lima et. al (2021) aponta as causas mais comuns para congestões nasais, dentre elas está a infecção, a inflamação e a irritação dos tecidos da região por fatores externos, como substâncias, resíduos e odores, ressaltando-se ainda que há casos em que a situação pode ser grave e necessita de atenção médica redobrada. Gasparetto (2019) infere que há várias doenças que podem também causar a obstrução, tais como gripe, sinusite, rinite, alergias, resfriados e outras doenças respiratórias, e a depender da “causa raiz” o tratamento é divergente e pode ser autoadministrado, como no caso de antialérgicos e descongestionantes nasais.

Para alívio da congestão nasal, o primeiro passo é compreender as suas causas primárias, pois abordar somente os sintomas é insuficiente. O tratamento dos sintomas só é aconselhável em casos em que a causa não pode ser remediada. (SANTOS et. al, 2023).

Quando a congestão nasal é causada por resíduos ou substâncias como fumaça, odores ou condições como alergia ou resfriados, é preciso afastar os indivíduos dos fatores condicionantes (gatilhos) afinal, tratar os sintomas com medicamentos ou soluções caseiras e continuar em contato com a “raiz” do problema se torna ineficaz, uma vez que na melhor das hipóteses, os sintomas serão apenas aliviados. (TORQUARTO; SHIMA; ARAÚJO. 2020).

Nos casos em que a congestão é causada por vírus, pouco se pode fazer para combater diretamente a infecção, e a ação primária consiste em aliviar os sintomas enquanto o sistema imunológico finalize sua atuação e erradique completamente o vírus, o que pode levar alguns dias. (GONÇALVES; BHERING, 2021).

7.3 DESCONGESTIONANTES NASAIS: USO, BENEFÍCIOS E RISCOS

Em seu estudo, Dionizio et. al (2020) aponta que muitas pessoas optam pelo uso dos descongestionantes nasais líquidos para alívio dos sintomas de congestão, uma vez que ele atua de forma contrária à dilatação dos vasos sanguíneos, que é resposta imunológica natural do organismo, contraindo-os e gerando alívio da obstrução ao passo em que melhora a passagem de ar.

Oliveira e Batista (2019) demonstram em sua pesquisa que os descongestionantes nasais oferecem alívio em poucos minutos, devendo-se ter cautela em casos de crises agudas, assim como se faz necessário durante o uso de qualquer medicação.

Torquato, Shima e Araújo (2020) levantam a questão de que o referido medicamento possui venda livre e fácil acesso, e com isso, a responsabilidade acerca da administração é exclusivamente do indivíduo, o que favorece o uso indiscriminado ou prolongado e torna propício o surgimento de colaterais como rinite medical. Ressalta-se que o produto tem finalidades específicas e não deve ser utilizado por mais de três dias consecutivos, preferencialmente com prescrição profissional, pois o uso prolongado causa o efeito “rebote” onde o produto torna-se menos eficaz e o corpo pode apresentar sintomas ainda mais graves posteriormente.

Dionizio et. al (2020) compartilha o ponto de vista e infere que um dos riscos do uso prolongado está relacionado à contração de vários outros vasos sanguíneos no organismo, podendo levar à ocorrência de hipertensão e arritmias cardíacas e em alguns casos, pode gerar dependência psicológica.

7.4 O PAPEL DO FARMACÊUTICO NO CONTROLE E DISPENSAÇÃO DE MEDICAMENTOS

No que se refere à orientação sobre o uso dos medicamentos ao público em geral, os profissionais farmacêuticos possuem um papel e uma responsabilidade notável, principalmente quanto à prescrição ou dispensação dos medicamentos de livre acesso, sem a necessidade de receitas médicas. As informações prestadas englobam instrução sobre o uso, administração e dosagens adequadas. Outro cuidado a ser considerado é o de informar as possíveis reações adversas e as formas adequadas para armazenamento do fármaco. (LIMA; SILVA; SIQUEIRA, 2021)

Borges, Carvalho e Magalhães (2019) referem-se ao trabalho dos profissionais farmacêuticos como de extrema relevância, principalmente no que se refere à mitigação dos efeitos adversos advindos da automedicação, além de executarem práticas exclusivas e especializadas que são de sua competência, como tratamentos ou ações alternativas ao uso do fármaco quando este se faz dispensável, contribuindo beneficentemente com os pacientes.

A abordagem em questão tem como objetivo estabelecer um vínculo entre o usuário e o farmacêutico, buscando avaliar o indivíduo e conceituando-o como alguém que vai além de um “cliente”, compreendendo-o de forma integral. Lima, Silva e Siqueira (2021) e Júnior (2019)

destacam que essa relação pode auxiliar no processo de orientação quanto à dosagem da medicação, período de utilização, e o uso racional do produto, ao passo que também possibilita ao profissional identificar os efeitos adversos, reações e contraindicações, principalmente dos medicamentos de livre acesso.

8 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O clima árido no Brasil em determinadas estações do ano é considerado um período propício para contração e disseminação de enfermidades respiratórias.

“Durante determinados períodos, principalmente quando o clima se torna árido, é frequente que partículas em suspensão no ar irrite a mucosa nasal, dificultando o fluxo de ar pelas narinas. Para aliviar esse desconforto, muitas pessoas optam por descongestionantes nasais, como Sorine, Sorinan, Afrin, Naridin, Oximetazolina, Nafazolina e outros” (DIONIZIO, et. al, 2020).

As inflamações, como rinite e sinusite, e as infecções tal como a gripe, possuem sintomas semelhantes e atingem a mucosa nasal de forma parecida, o que abre margem tanto para o autodiagnóstico, quanto para a automedicação. Os sintomas mais reportados para as referidas condições são a coriza, dor no corpo, febre e a congestão nasal, e por serem considerados sintomas “comuns” são facilmente negligenciados, o que pode ser considerado um risco no caso de condições mais graves, uma vez que a abordagem mais comum é o tratamento dos sintomas e não a raiz do problema em si. . (TORQUARTO; SHIMA; ARAÚJO. 2020).

Ainda de acordo com os autores, para o tratamento de congestão nasal é comum a utilização de descongestionantes que possuem ação específica na mucosa da região nasal, uma vez que os vasos que transportam sangue e nutrientes para a mucosa nasal inflamam e o nariz congestiona. Quando utilizados, os descongestionantes atuam reduzindo o fluxo de sangue na região nasal, liberando rapidamente a passagem de ar.

Contudo, conciliando o fato de o fármaco ser de fácil e livre acesso ao fato de ser comum a automedicação no país, o uso irregular ou prolongado torna-se previsível, possibilitando, entre outros colaterais, o denominado “efeito rebote” nos usuários. O “efeito rebote” pode ser descrito como a ação do organismo de retornar ao seu estado inicial antes do tratamento medicamentoso, que no caso do uso de descongestionantes nasais, os vasos sanguíneos da região voltam a se dilatar, podendo ficarem ainda mais comprometidos que antes.

“O uso excessivo e abusivo de descongestionantes nasais pode levar a um efeito rebote que representa um grande problema. Esses medicamentos provocam redução no tamanho dos vasos sanguíneos, o que afeta diretamente a nutrição da mucosa nasal. Consequentemente, o corpo inicia mecanismos para aumentar o tamanho dos vasos sanguíneos, agravando assim o problema” (SILVA, 2021).

Os medicamentos pertencentes à classe dos descongestionantes possuem em sua composição substâncias que podem levar também à ocorrência de outros efeitos adversos, dentre eles o vício, como afirma Torquato, Shima e Araújo (2020), ao indicar que os medicamentos mais propensos à incidência dos referidos efeitos colaterais podem ser encontrados sob os nomes de cloridrato de nafazolina, cloridrato de oximetazolina e cloridrato de xilometazolina. Contudo, é importante ressaltar que nem todo descongestionante nasal é tido como prejudicial, como indicado por Silva et. al (2022) ao relatar que os descongestionantes normalmente destinados às crianças possuem substâncias salinas que auxiliam no alívio da irritabilidade, hidratando e liberando a passagem adequada de ar sem quaisquer riscos ao organismo.

Outra questão a ser retomada é a ação “rápida” dos descongestionantes nasais, ação essa que também é tida como temporária, aliviando momentaneamente a sensação de congestão. Após passado o efeito, o paciente provavelmente irá recorrer ao uso continuado em busca da sensação de alívio rápido, e esse uso indiscriminado poderá também acarretar colaterais.

“Depois de usar os medicamentos, o nariz inevitavelmente ficará entupido mais uma vez. Com isso, o indivíduo voltará a utilizar o medicamento em menor espaço de tempo, levando a um ciclo prejudicial de dependência” (VIEIRA, 2021).

Logo, o surgimento dos colaterais como “efeito rebote” no organismo favorece o uso constante do fármaco, pois o organismo passa a responder ao medicamento com uma intensidade cada vez menor, necessitando-se de doses cada vez menos espaçadas, gerando um ciclo que, se negligenciado, pode levar ao vício, tanto por causa das substâncias quanto pela busca pelo efeito desejado de alívio imediato.

Borges, Carvalho e Magalhães (2019) indicam que a rinite vasomotora é causada pela dependência de medicamentos que alteram a mucosa nasal, diminuindo a capacidade natural do organismo de expandir e contrair os vasos sanguíneos da referida região.

Quando adquirido o vício ou o hábito de uso indiscriminado do medicamento, pode-se acabar desencadeando outras reações ainda mais severas relacionadas às ações do medicamento como taquicardia, aumento da pressão arterial, angina e rinite medicamentosa, pois, de acordo com Virgens (2022), Isso se deve ao fato de que uma parte da substância vasoconstritora

presente no medicamento é absorvida pela mucosa e posteriormente entra na corrente sanguínea, afetando negativamente o organismo.

Diante do cenário de colaterais proporcionados pelo uso indiscriminado dos descongestionantes nasais, torna-se indispensável o auxílio de profissionais para mitigar tais práticas, sendo um destes profissionais o farmacêutico, que é um dos primeiros contatos do usuário no momento da aquisição do produto. Esse espaço entre o primeiro contato com o estabelecimento e a compra deve ser utilizado para orientação e compreensão da real situação do indivíduo, oferecendo a ele todas as informações necessárias para administração, conservação, suspensão, dispensação ou tratamentos alternativos ao uso do medicamento.

9 CONCLUSÃO

Considerando o cenário nacional que demonstra como frequente a automedicação por parte da população, bem como o uso excessivo e indiscriminado de medicamentos de livre acesso, como no caso da grande parte dos descongestionantes nasais, considera-se que a ocorrência de efeitos adversos causados pelo uso inadequado e prolongado dos medicamentos é previsível. Dentre os efeitos adversos comuns ao uso dos descongestionantes tem-se o “efeito rebote”, que diminui a eficácia do medicamento e propicia o uso frequente para alcançar o rápido alívio da inflamação da mucosa nasal que, por sua vez, ocorre por um curto período de tempo, estimulando o uso contínuo, levando ao vício tanto à ação do medicamento, quanto às substâncias presentes em sua composição. Logo, a assistência farmacêutica torna-se imprescindível para auxílio na redução dos impactos que podem ser ocasionados pelo uso inadequado dos descongestionantes, tornando-se um dos pilares no cuidado e potencialização da saúde da população em geral.

REFERÊNCIAS

- BORGES, Ana Sueli Soares; CARVALHO, Clecilene Gomes; MAGALHÃES, Sérgio Ricardo. Riscos associados ao uso irracional do descongestionante nasal: Cloridrato de Nafazolina. **Revista Uniabeu**, v. 12, n. 31, p. 255-267, 2019.
- BUCIS, Bruno. **Estudo aponta remédios mais vendidos no país; disfunção erétil lidera**. 2023. Disponível em: < <https://www.metropoles.com/saude/remedios-estudo-disfuncao-eretil> >. Acesso em: 20 de setembro de 2023.
- DIONIZIO, Ingrid Couto et al. A dependência de descongestionantes nasais e seus efeitos colaterais. **Revista Esfera Acadêmica Saúde**, p. 25, 2020.
- GASPARETTO, Luiz. **Metafísica da saúde: Sistemas respiratório e digestivo**. Editora Vida e Consciência, 2019.
- GOMES, Claudenes de Oliveira et al. Prevalência da automedicação com descongestionantes nasais por estudantes de uma faculdade em Araguaína- TO. **Brazilian Journal of Surgery & Clinical Research**, v. 43, n. 2, 2023.
- GONCALVES, Joelma Rodrigues Souza; BHERING, Carlos Alberto. Vírus Sincicial Respiratório (VSR): Avanços Diagnósticos. **Revista de Saúde**, v. 12, n. 1, p. 2399- 2399, 2021.
- JÚNIOR, Josué Arruda da Silva. **Atenção farmacêutica no uso racional de medicamentos como estratégia na promoção da saúde aos grupos pediátricos e geriátricos: Uma revisão integrativa**. 59 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Farmácia) - Universidade Federal do Amazonas, Itacoatiara, 2019.
- LIMA, Jonas Hantt Corrêa et al. Os perigos do uso indiscriminado dos descongestionantes nasais derivados da nafazolina principalmente na pediatria The dangers of the indiscriminate use of naphazoline derived nasal decondgeants, especially in pediatrics. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 10, p. 96470- 96475, 2021.
- LIMA, Marina Inácia Maia de Melo; SILVA, Jullys Menezes; SIQUEIRA, Lidiany da Paixão. Riscos Associados à automedicação do Cloridrato de Nafazolina e o farmacêutico como protagonista para o uso racional de medicamentos. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 15, p. e323101522935-e323101522935, 2021.
- MARTINS, Thulio Ramos et al. Os riscos causados pelo uso indiscriminado de descongestionantes nasais derivados da nafazolina. **Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro**, v. 8, n. 1, 2022.
- OLIVEIRA, Maíla Moreira de; BATISTA, José Márcio Machado. O uso de descongestionantes nasais por estudantes da área da saúde: uma revisão integrativa. **Mostra Científica da Farmácia**, v. 5, 2019.
- SALES, Gabriella Lombardi de Almeida. **Descongestionantes nasais e o risco de eventos cardiovasculares: uma revisão da literatura**. 2023. 41 f. Trabalho de Conclusão de Curso

(Bacharelado em Farmácia) - Instituto de Ciências Farmacêuticas, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2021.

SANTOS, Natacha et al. Protocolo clínico de avaliação de doentes com polipose nasal sob tratamento com biológicos em Portugal. **Rev Port Imunoalergologia**, v. 31, n. 1, p. 45-54, 2023.

SILVA, Bárbara Dionisio et al. Nafazolina: dependência química ou psíquica? **Anais do Encontro de Iniciação Científica das Faculdades Integradas de Jaú**, v. 19, 2022.

SILVA, Leíse Ferreira da. Riscos associados ao uso prolongado de descongestionantes nasais que contém nafazolina. 2021. Monografia (graduação) **Curso de Bacharelado em Farmácia**. Centro Universitário Regional Do Brasil – UNIRB, 2021.

TORQUATO, Andreia Luiza; SHIMA, Vivian Taciany Bonassoli; ARAÚJO, Daniela Cristina de Medeiros. Riscos associados à prática de automedicação com Descongestionante nasal. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 11, p. 86899- 86917, 2020.

VIEIRA, William César. **A automedicação de descongestionantes nasais e os impactos na saúde da população**. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Farmácia) - Universidade Brasil. Fernandópolis- SP, 2021.

VIRGENS, Jeise Raniele da Rocha et al. Consequências decorrente do uso indevido de descongestionantes nasais. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 8, n. 11, p. 661-668, 2022.